

## Mensagem para os jovens pesquisadores das revistas *Coepta*

(por um de seus fundadores)

A versão em vídeo encontra-se em:

[https://www.youtube.com/watch?v=ggFX7h\\_s1UY](https://www.youtube.com/watch?v=ggFX7h_s1UY) – N. do E.

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

A partir de uma certa idade (os mais novos talvez o tenham já reparado), há alguns filtros sociais que começam a desaparecer. Por isso, talvez, há alguns netos que parecem identificar-se mais com os avós, ou com os professores mais velhos. Os quais, em geral, começam a ser mais benevolentes, a dar melhores notas... Generalizo com lugares comuns, claro.

Talvez o que acontece é que os adultos nas idades conquistadoras e consolidadoras de carreiras e poderes tenham de se focar muito em objetivos que os avassalam e convocam por completo, sem muito tempo para olhar para os lados, e para contemporizarem com outras perspectivas, outras racionalidades. Uma carreira sempre foi um projeto de vida, quantas vezes criando o deserto à sua volta, com todas as perdas que isso implica. Perdas algumas dolorosas, e que lamentamos depois, se não tivermos tido uma vida equilibrada.



Cerimônia de entrega das primeiras *Coepta* – Colégio Luterano de São Paulo, 26-11-2018. Presidem a mesa os fundadores e *editors-in-chief*: Paulo Ferreira da Cunha; Jean Lauand (Feusp) e Sílvia Colello (Feusp).

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto – com funções suspensas para o exercício do primeiro cargo. Cofundador da série *Coepta*.

Pois bem. Quando os adultos mais macróbios chegam a um umbral do tempo mais maduro, descobrem normalmente (se se encontrarem num estado mental equilibrado) que fizeram muitas coisas boas, mais ou menos erros (depende), e também algumas coisas boas que implicaram erros, ou erros que tiveram boas consequências. De modo algum este é um discurso relativista. O certo e o errado éticos não deixam de ser o que são. Simplesmente, o olhar de uma certa idade é mais complacente com algumas coisas, e, conseqüentemente com isso, dá-se ao luxo, por exemplo, de dizer algumas coisas inconvenientes para os guardiões da ortodoxia... normalmente mais novos, mas não jovens, de modo algum jovens. Lembro-me de um político, infelizmente já falecido, que com a idade alargou muito o número de fãs, porque se antes era corajoso no plano simplesmente do que pode ser coragem contra uma ditadura (e isso é muito e custou-lhe a liberdade, por exemplo), passou também a ser corajoso tornando-se indiferente ainda ao socialmente correto, ao politicamente correto, etc. Integralmente igual a si próprio. Mesmo pessoas que antes não concordavam com ele, passaram a admirar a forma livre como se exprimia. Sem medo do que as pessoas pensassem.

Pois este longo introito é para vos dizer que estou a tentar a aprender essa liberdade, apesar dos constrangimentos que faço questão de respeitar, nomeadamente os impostos pela minha profissão atual. São, aliás, constrangimentos positivos para mim, porque eu não quero dizer coisas indiscretas nem desbragadas, nem partidárias, mas apenas exercer a liberdade de expressão, confesso que até gostando pessoalmente dessa limitação. Lembro-me de algumas regras de composição de poemas barrocos, em que eram interditas, por exemplo, certas palavras, e o poeta tinha na mesma que poetar sem elas. Mas não se trata de andar às escondidas com a deontologia, apenas de se aceitar que ela é boa, para o contexto.

Em contrapartida, há comentários (e pesquisas) sobre o mundo, a vida, a existência em geral, e atividades (como a artística, por exemplo), que ganham em, como hoje se diz, “sair da caixa”. E é essa a grande mensagem que vos queria trazer. Ou reforçar, porque acredito que outros já vos passaram essa necessidade, ou vós mesmos já tereis encontrado uma tal necessidade.

Peço-vos agora que recueis um pouco à vossa infância. Não é hoje plausível que tenhais lido o livro de Carlo Colodí, *Le avventure di Pinocchio. Storia di un burattino*, escrito em 1881 e publicado em 1883. Eu cheguei a ler, se bem me lembro, compradas numa velha livraria das termas de Caldelas, perto de Braga, a cidade portuguesa dos arcebispos, “sequelas” da mesma, com capas amarelas, e em que, se não me falha a memória, o velho carpinteiro criador da marionete, Gepeto, seria natural ali de perto também, de Vila Verde. É natural que os epígonos tragam para perto de si as obras universais... Na altura, isso fez-me alguma confusão...

Mas o que já é mais possível é que tenham assistido ao filme da Disney. Ora nesse filme há uma canção que eu acho lindíssima – aí começa a estar uma afirmação que só nesta idade me é permitido confessar publicamente – e que está no início do meu mais forte argumento nesta Mensagem. Começa assim:

“When you wish upon a star  
Makes no difference who you are  
Anything your heart desires  
Will come to you

If your heart is in your dream  
No request is too extreme  
When you wish upon a star  
As dreamers do”.

Ou, como diria Ricardo Reis, heterónimo, como sabemos, de Fernando Pessoa:

“Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive “

Agora vai outra confissão que não faria se não acreditasse que o mundo vale mais que algumas contenções que refreiam a individualidade, e que o que interessa mesmo é a retidão, a honestidade, o respeito pelas Leis, e não andar pelo mundo como quem pisa ovos e engoliu um garfo...

A confissão é que, tento eu uns 6 ou 8 anos, no máximo, e impressionado com essa mágica do desejo para as estrelas, capazes mesmo de transformar um boneco num menino, no caso de Gepeto, aderi simbolicamente a esse encantamento.

Paul Veyne, grande historiador francês, começou a explicação psicossociológica do que então me terá ocorrido, num livro significativamente intitulado: *Acreditaram os gregos nos seus deuses?* Obviamente que a criança que eu era, já formada por rigorosos padrões de racionalidade, só poderia ao mesmo tempo, como os Gregos antigos, acreditar não acreditando. Pelo menos, foi uma forma poética de vivenciar um desejo. Numa larga varanda, quando a noite já estendia o seu manto majestoso sobre a cidade, sozinho, escapando creio que a uma reunião familiar, inspirei o perfume solitário de um momento mágico. E debruçando-me sobre o varandim, formulei o meu desejo.

E qual?

Tinha nos últimos anos apercebido a existência de dois tipos de pessoas: as que, mais ou menos seguras de si, mais ou menos vaidosas (isso agora não interessa tanto), contudo apenas repetem o que outros disseram, mesmo pretensos grandes sábios e grandes opinadores são meros papagaios de ideias já feitas (há um livro interessante sobre esse psitacismo, essa cópia, chamado *O Mercado das Crenças*), e aquelas outras que (também independente do seu posicionamento e do seu autoconvencimento) pensam por si mesmas. Acertando ou errando, como qualquer *hijo de vecino*, como diria o Prof. Puy Muñoz de Santiago de Compostela. Mas procurando ir pelo seu caminho. Como no *Cântico Negro* de José Régio:

“Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!

Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: "vem por aqui"!

A minha vida é um vendaval que se soltou.

É uma onda que se levantou.

É um átomo a mais que se animou...

Não sei por onde vou,

Não sei para onde vou

- Sei que não vou por aí!”

É preciso ler todo o *Cântico*, aqui é somente um excerto, o final.

A grande mensagem que vos posso transmitir, sem respeitos humanos, sem tibiezas, falando a muito pequena sabedoria que pude atingir, é que é verdade a mágica do desejar olhando as estrelas. Pelo menos, comigo foi.

Creio, a partir de um certo momento, ter sido atendido no meu desejo. Não vos posso ocultar que é uma bênção, mas é também uma maldição.

Pensar por si, não aceitar as ideias prontas a consumir e a repassar, acarreta muitos perigos, é a semente de muitas incompreensões. E não se pense que seja um fator positivo para empregos, cargos, ou benesses, ou sequer para o reconhecimento público (se for isso que se visa – o que não foi nunca o meu caso, felizmente). Pelo contrário: quem pensa pela própria cabeça não tem o requisito essencial para agradar a muitos, que é o não pensar e obedecer. E mais ainda (como creio que dizia Machado de Assis, na *Teoria do medalhão*): o mais útil é parecer que se tem ideias, convicções e posicionamento, sem realmente os ter.

Portanto, não vos trago uma nova “competência” pedagógica a meter no portfólio escolar como uma gazua para abrir portas. É mais um fardo que as fecha.

Contudo, quando chegarem à idade em que se pode dizer o que se pensa, verão que terão pensado (e certamente vivido) coisas mais interessantes. Creio que acharão, como eu, que valeu a pena. Insisto: sempre com afeição ao estudo e às leis, porque pensar pela cabeça sem prudência é apenas uma libertinagem que leva a uma qualquer forma de loucura.

Note-se: eu disse pensar pela própria cabeça. O intelectual brasileiro Paulo Francis explicou: “Quem não lê, não pensa, e quem não pensa será para sempre um servo”. É preciso pensar, mas não se consegue pensar sem nutrientes da mente, que continuam a ser os livros, e outras boas *mídias*. Por isso, a realização do desejo pelas estrelas não vem como uma dádiva gratuita: exige muito trabalho, sobretudo de leitura, estudo, reflexão. Ou seja, não se podem simplesmente aceitar devaneios ou especulações, pensamentos simplesmente selvagens, que não impliquem o velho e bom razoar, que é exercício equilibrado da mente e do coração, um coração inteligente, como o do grande juiz (e, portanto, prudente) Rei Salomão.